

MARTINS, M. *Processo vs Produto: A Questão do Ensino da Tradução*. In: *Trabalhos em Lingüística aplicada*. v. 20, jul./dez. Campinas: UNICAMP/IEL 1992. pp. 49-54.

MATTOS, D. (org. e trad.). *A formação do tradutor em nível universitário*. Brasília: Horizonte, 1980.

MORTORA, M. *A armadilha da facilidade*. In: COSTA, L. A (org.) *Limites da traduzibilidade*. Salvador: EDUFBA, 1996. pp 111 - 120.

MOUNIN, G. *Pour une pedagogie de la traduction*. In: Michel Ballard (org.), *La traduction: de la théorie a la didactique*. Lille, Université de Lille III, 1984, pp. 29-38.

NEWMARK, P. *Approaches to translation*. Cambridge: University Press, 1988.

PAES, J. P. *Tradução a ponte necessária: aspectos e problemas da arte de traduzir*. São Paulo: Ática, 1990.

RÔNAL, P. *A tradução vivida*. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

SANTOS, H. C. J. *O ensino da tradução técnica a experts de outras áreas concebido como "obra aberta", exercício de interdisciplinaridade universitária e difusão democrática do conhecimento: relato de uma experiência e contribuições para o pensamento crítico de um curso superior de tradução*. In: COSTA, L A (org.) *Limites da traduzibilidade*. Salvador: EDUFBA, 1996.

A INTERSECÇÃO LINGÜÍSTICA - O BILINGÜISMO DA COMUNIDADE NIPO-BRASILENSE: ESTUDO DE CASO

Yuko Takano
(Universidade de Brasília)

Resumo: Com o presente artigo pretendemos homenagear os 95 anos de interação com a comunidade brasileira. Se no século passado ser um bilingüe, isto é, adquirir a língua portuguesa era um "sonho" para muitos imigrantes, hoje, o "grande sonho" de muitos imigrantes e seus descendentes tornou-se uma realidade, uma realidade que em parte contribuiu para que o país hospedeiro tivesse essa riqueza lingüística.

Palavras-Chave: situação pidginizante, aquisição de língua portuguesa, intersecção das línguas.

Introdução

"Retrato a diversidade lingüística de uma comunidade bidual que opera o nível social e interacional. E na relação do dia-a-dia, nos múltiplos interações do cotidiano, que surgem sutis alterações de código entre os falantes que são carregados de significado social".
Ribeiro, Telles e Garcez

Para o estudo do processo migratório no século XX, devemos considerar os

- 1) Honda, 1986 apud Oliveira.
- 2) Saito, 1980.

aspectos contextuais mundiais da época. A reorganização mundial iniciou-se no fim do século XIX e estendeu-se até início do século XX. Insere-se nesse contexto a expansão migratória japonesa.

A revolução Meiji, em 1868¹, provocou uma nova era, na qual o Japão passou ao convívio internacional, integrando o processo migratório na sua política internacional. A entrada de imigrantes foi incentivada no Brasil para atender à carência da mão-de-obra dos grandes latifundiários. Em termos estatísticos, Brasil, é o país que mais recebeu a imigração japonesa.

A história revela que o processo de emigração japonesa começou nos idos de 1885, mas a primeira emigração só ocorreu em 1908². No dia 28 de Abril desse mesmo ano, os primeiros imigrantes embarcaram no navio *Kasato maru* em Kobe e, chegaram no dia 18 de Junho no porto de Santos (SP). A emigração tardia para o Brasil deve-se, por um lado, à legislação

brasileiro que retardou a entrada dos imigrantes asiáticos e africanos.

Oliveira³ menciona nos seus estudos que:

"os asiáticos e africanos estavam fora dos planos de seleção de população imigrante para a composição social do país, e não eram permitidas tais entradas. O assim chamado elemento amarelo não era desejável no nosso formação nacional".

Segundo a legislação brasileira que regulamenta a entrada dos imigrantes, a imigração europeia era desejada e incentivada em relação à imigração japonesa e a africana. Enquanto o governo brasileiro tinha relutância em aceitar o imigrante asiático, o governo japonês, em contrapartida, incentivava a saída de seus compatriotas para o Brasil, que buscava na sua política internacional, o movimento expansionista. Além desses aspectos, temos que levar em consideração a situação mundial daquela época que visava atender aos interesses capitalistas.

O passado mostra que os imigrantes vieram suprir a mão-de-obra agrícola e com a meta de 'tornar-se rico' em curto prazo e voltar para sua terra natal. Acreditava-se, portanto, em uma imigração temporária. Esse comportamento refletia no dia-a-dia dos imigrantes que não demonstravam no início, nenhum interesse em aprender a língua local. A língua japonesa era ensinada em escolas construídas pela comunidade com a intenção de manter, não só a língua, mas também a própria cultura.

Os imigrantes japoneses mantiveram a língua devido à própria história da colonização que propiciava a formação de núcleos rurais em várias regiões do território brasileiro. Núcleos rurais, esses, 'fechados' e 'cecos' que foram responsáveis pela formação das primeiras comunidades nipo-brasileiras. Assim, a língua japonesa foi a língua materna para os imigrantes e seus descendentes daquela época que somados ao pouco contato com a sociedade majoritária, em parte, contribuiu para o não desenvolvimento do bilinguismo ou de um bilinguismo tardio dos imigrantes japoneses que vieram na fase adulta. O bilinguismo tardio refere-se a aqueles imigrantes que desenvolveram o bilinguismo depois de um longo período de convivência no território brasileiro.

Entretanto, a história revelou outra face, de uma imigração temporária para a imigração permanente e coube a ela testemunhar as dificuldades que a comunidade transplantada encontrou em vincular-se à nova terra. Foi um longo período de problemas decorrentes da situação de acomodação e conflito, na tentativa de adaptar-se à nova realidade. Mas lentamente, a comunidade transplantada foi se integrando e assimilando novos costumes, hábitos, valores culturais da sociedade majoritária, incluindo a aquisição da língua portuguesa.

O processo de urbanização foi um dos fatores que favoreceu a aquisição de língua portuguesa. Se antes, a língua japonesa era o meio de comunicação entre os nipo-brasileiros, paulatinamente, ela está se posicionando para

a substituição linguística, já que as novas gerações, mesmo em comunidade falante da língua japonesa, substituem-na pela língua portuguesa. Essa situação é inevitável, pois a língua portuguesa além de ser a língua de instrução escolar e da sociedade majoritária, é a língua mais usada no dia-a-dia do falante bilingüe.

Observamos que em uma situação linguística assim contextualizada, a manutenção da língua japonesa, torna-se cada vez mais desfavorável. Se antes, a aquisição da língua japonesa era de uma língua materna ou uma segunda língua, hoje, a aquisição da língua japonesa, para alguns descendentes japoneses de terceira geração em diante, apresenta-se como de uma língua estrangeira.

Contextualização: Situação Linguística

Buscando situar a língua japonesa trazida pelos imigrantes, recorreremos a pesquisa realizada por Suzuki⁴, sobre o fluxo migratório de várias províncias japonesas para o Brasil.

A estatística revela que o maior número procedeu da província de Kumamoto (em torno de 23 mil pessoas), Fukuoka e Okinawa (com 19 mil pessoas, respectivamente) e em ordem decrescente vieram das províncias de Hokkaido, Hiroshima, Fukushima, Yamaguchi, Kagoshima, Okayama, Kochi e Wakayama.

Achamos oportuno fazer essas colocações, para contextualizar os dialetos regionais, que vieram para o Brasil e, que de uma certa forma,

contribuíram para a formação de um dialeto nipo-brasileiro. Existem também outros dialetos que, não foram mencionados no parágrafo anterior, por exemplo, o dialeto de Tôquio, determinado como língua oficial, ou seja, o dialeto padrão. Esses dialetos regionais distintos sofreram algumas mudanças no país hospedeiro: observou-se que alguns desses traços dos dialetos regionais passaram por um processo de homogeneização e começaram a ser integrados na comunicação do dia-a-dia dessa comunidade linguística. Como esse aspecto, a intersecção da língua hospedeira que favoreceu para o surgimento de um sistema linguístico peculiar, isto é, um tipo de Koineização dos imigrantes japoneses.

Alguns estudiosos distinguem dois tipos de koine, o regional e o imigrante. O koine regional seria aquele que resulta, normalmente, do contato entre os dialetos regionais de uma única língua. No caso do koine dos imigrantes, refere-se ao resultado do contato entre os dialetos regionais, mas num território estrangeiro. No nosso caso, caberia essa situação do koine dos imigrantes.

Bickerson refere-se a esse fenômeno linguístico como uma língua auxiliar ou de apoio. Essa situação é provocada devido à necessidade de se comunicarem com os falantes mutuamente inteligíveis. Os falantes utilizam-se de alguns recursos para se fazer entender e acaba criando um sistema linguístico adaptado àquela situação linguística.

Couto⁵ observa que os aspectos históricos, sociais e econômicos

3) Oliveira opud Reis, 1999: 283.

4) Suzuki, 1969.

contribuem para a formação de um *pidgin*. Para a sua formação é necessário: a) que haja contato de dois ou mais povos com línguas distintas e inteligíveis mutuamente, um dos povos detém o poder econômico e político; b) que não seja a língua materna para nenhum falante; c) que a compreensão seja precária; d) que não haja uma gramática comum entre os membros da comunidade; e e) que não exista sentimento de amor e de fidelidade à língua.

Assim contextualizado, o *pidgin* é um recurso linguístico criado em situações de face-a-face pelos falantes.

Por ser um mecanismo de comunicação surgido nos moldes 'emergenciais', não entra na categoria de língua, mesmo porque o *pidgin* é frágil, instável e transitório. Sendo um mecanismo criado em caráter emergencial nos histórias linguísticas, a qualquer momento ele pode ser substituído.

Aquisição da Língua Portuguesa do Brasil por Issei

Os isseis que vieram à nova terra na idade adulta, mesmo estando há décadas no Brasil, mantêm a língua e a cultura como uma forma de conservar o elo com a cultura do passado. Uma das razões dessa manutenção deve-se, em parte, à ideologia nacionalista dos imigrantes japoneses radicados no Brasil que mesmo longe da terra natal, mantiveram-se fiéis aos costumes e tradições. Talvez, tenha sido uma

maneira de dar continuidade aos códigos tradicionais de origem.

Handa⁶ revela na história da vida dos imigrantes as condições precárias na aprendizagem da língua portuguesa. Coube às mulheres a missão de aprender a língua portuguesa com os funcionários da hospedaria. Para contextualizar recorremos a um parágrafo do livro que diz o seguinte:⁷

"... e dedicava-se, logo na primeira oportunidade, ao treinamento do português com serventes da hospedaria".

Quando se estuda o comportamento linguístico dos isseis adultos, temos que levar em consideração o contexto do contato intergruppal. A primeira experiência linguística, conforme os dados históricos, iniciou-se com pessoas que não tinham uma instrução formal, isto é, com uma das variedades da língua portuguesa ou com outros imigrantes (europeus, etc.) que também apresentam dificuldade em falar a língua portuguesa.

O desenvolvimento do bilinguismo começou a partir da necessidade de se interagir com a sociedade majoritária. No entanto, os grupos minoritários tiveram dificuldade quando eles depararam com a língua totalmente diferente da sua e, com um sistema linguístico distinto com o seu sistema linguístico. Diante dessa situação, eles tiveram que criar uma língua de emergência, com expressões bem simplificadas e sem uma padronização

de normas comuns. Esse fenômeno surgido na história da imigração refere-se àqueles contextos que, Couto⁸ classifica como uma "situação *pidginizante*". Refere-se àqueles casos em que no contato de duas línguas faz surgir uma língua intermediária, pelo menos para os falantes do grupo linguístico minoritário.

No estudo de Sugimoto⁹ sobre *pidgin* do japonês falado em Havaí, ele observou que na fase inicial o *pidgin* apresenta-se com um vocabulário limitado e a gramática tende a uma estrutura bem simplificada. Kuyama¹⁰ notou nos seus estudos de empréstimo lexical do português pelos isseis, que existe uma situação linguística semelhante à do *pidgin* de Havaí.

Quanto ao comportamento verbal, os isseis do Distrito Federal que vieram na fase adulta e permaneceram em comunidade 'fechada e coesa', sobretudo aqueles que vivem em núcleos rurais, tendem a apresentar certas particularidades no seu falar. O português falado por eles, apresenta características semelhantes às do *pidgin* do Havaí estudado por Sugimoto.

Handa¹¹ refere-se àqueles situações linguísticas que apresentam as seguintes características: sentenças curtas e breves; ausência das desinências modo temporal e número- pessoal; ausência de concordância em número, gênero e pessoa; e os verbos são usados, geralmente, na terceira pessoa do singular. Essa situação linguística foi observada com os isseis

adultos do Distrito Federal, quando iniciamos a coleta de dados para esse estudo de caso.

Exemplo a seguir ilustra a situação linguística de alguns isseis adultos.

1. Usa-se uma sintaxe simples;

Ex: *Yô isquici fala ôce.*

Tinha me esquecido de dizer a você.

Eu me esqueci de dizer.

1) O tempo, número e pessoa dos verbos não se flexionam;

Ex: *Amanhã compra.*

Ausência de tempo verbal

Amanhã comprei.

Ex: *Morrido i fyvo arumogo.*

Ausência de número

Meu morrido e meu filho almoçam.

Ex: *Yô sobi.*

Ausência de pessoa

Eu sei

2) Ausência do morfema [s] plural;

Ex: *Océ tem muito fyvo?*

Você tem muitos filhos.

3) Ausência de concordância quanto ao gênero dos substantivos.

Ex: *Essi furuta caro.*

5) Couto, 1996:28-29.

6) Handa, 1987: 11.

7) Sato, 1980:11.

8) Couto, 1996.

9) Sugimoto, 1985.

10) Kuyama, 1999.

11) Handa, 1987.

Ausência de concordância nominal
Essa fruta é cara.

4) Omissões de algumas preposições;

Ex: *Yô paga dinheiro.*

Eu pago em dinheiro

5) Ausência de concordância em gênero do adjetivo;

Ex: *Furuta caro datta.*

A fruta estava cara.

Nota: o termo [datta] – sufixo coloquial da língua japonesa que marca o tempo pretérito.

O tempo verbal da língua japonesa também é restrito, verificamos que apenas o tempo presente e o passado são marcados na fala desses sujeitos. Verificamos nos exemplos acima, que o falante usa a sua regra 1 (ausência de tempo verbal, número e pessoa). Essa ausência deve-se, em parte, pela ausência desses elementos na língua japonesa. Como na estrutura da L1 o tempo verbal presente e futuro é marcado da mesma forma, o falante ao usar a L2, não marcou o tempo verbal, número e pessoa. Observamos que os falantes de língua japonesa, ao deparar com alguns tempos verbais da língua portuguesa, encontram muitas dificuldades, principalmente para aqueles que não tiveram maior contato com a língua portuguesa do Brasil e nem tiveram a oportunidade de ter uma instrução escolar.

O uso da regra 1 aparece em outros contextos, por exemplo, no caso de

ausência de artigo, de gênero e de morfema marcador de plural. Observamos também que os falantes omitem ou, muitas vezes, usam de forma indiscriminada esses componentes gramaticais. A observação feita neste estudo exploratório revela que as regras da língua materna tendem a ser marcadas na construção da L2. No exemplo do item seis, verificamos o acréscimo da desinência [datta] {desinência modal – temporal/ passado} forma coloquial. Essa desinência foi incorporada à estrutura frasal de língua portuguesa do Brasil. Quanto aos léxicos observamos que, tendem a incorporar alguns léxicos da L2 na construção frasal, como no exemplo seis.

Para os imigrantes “falar” em português significava utilizar vários vocabúlos da língua portuguesa numa sequência estrutural da sua língua de origem. Assim, o grau de interferência da língua materna seja no campo fonológico, semântico e morfológico sobre a língua em aquisição é bastante significativa. Os desvios das normas apresentados no “falar” de alguns imigrantes isseis provém, grosso modo, pelo sistema linguístico que, muitas vezes, não é compatível com a língua em aquisição.

A problemática da aquisição de segunda língua tem base na própria história da imigração japonesa. No entanto, um dos fatores que contribuiu para a precariedade da aquisição da língua portuguesa do Brasil pelos isseis adultos foi o seu isolamento, não apenas em termos sociais, mas também em termos linguísticos. Muitos imigrantes isseis adultos não tiveram a oportunidade de se instruir na sociedade majoritária.

O comportamento linguístico de alguns imigrantes japoneses que vieram na fase adulta, pode ser visto sob duas perspectivas: aqueles que se desvincularam totalmente do estógiu pidginizante, isto é, passaram por uma situação de despidginização, e aquelas situações em que fossilizaram nesse estógiu. Essa situação pode ter ocorrido devido ao pouco contato com a língua da sociedade majoritária, acomodação, falta de interesse em adquirir a língua e cultura do país hospedeiro, bloqueios psicológicos, entre outros. Um outro aspecto que favorece o bilinguismo tardio desses falantes é a predisposição do grupo linguístico majoritário em tentar compreender “esse falar”, e numa interação comunicativa esse grupo majoritário tenta usar uma linguagem simples para que esse falante do grupo minoritário possa interagir com os falantes de português.

Em situação de contato prolongado e sistemático, a influência de uma língua sobre a outra é inquestionável. Assim, o comportamento linguístico dos descendentes de imigrantes pode direcionar para uma substituição da língua de origem, na medida em que intensifica a aquisição da segunda língua. Como o bilinguismo dos imigrantes se desenvolveu no Brasil concentrado naqueles grupos linguísticos minoritários (imigrantes e autóctones), há uma tendência a um declínio gradativo no uso da língua japonesa pelo menos na comunidade nipo-brasileira. Essa situação não favorece o desenvolvimento do bilinguismo nas novas gerações.

A comunidade nipo-brasileira não difere de outras comunidades

transplantadas no Brasil que desenvolveram situações linguísticas similares ao longo da história e são essas situações linguísticas que contribuíram para a formação de um país bilinguístico.

Bibliografia

- COUTO, H. H. *Introdução ao estudo das línguas Crioulas e Pidgin*. Brasília: UnB, 1996.
- HANAOKA, MG. In MATSUMOTO, H. *The Relationship Between Various Types of Teachers Language and Comprehension in the Acquisition of Intermediate Japanese*. Lanom, New York: Oxford, 1998.
- HANDA, T. *Imim no seikatsu no rekishi: Buraijiru nikkeijin no oyunda michi*. O Imigrante Japonês: História de sua Vida no Brasil. T.A. Queiroz, 1987: 11 e 12.
- KUYAMA, M. *O Uso da Língua Japonesa na Comunidade Nipo-Brasileira: O Empréstimo Lexical no Japonês Falado pelos Imigrantes – Caso Distrito Federal*. São Paulo: USP, 1999 (Dissertação de Mestrado).
- MAEYAMA, T. & SAITO, H. *Assimilação e Integração dos Japoneses no Brasil*. São Paulo: Vozes/USP, 1973.
- MASE, Y. *Buraijiru Dayori – Buraijiru nikkeijin no nihongo* (o japonês dos nipo-brasileiros) Guengo Seikatsu, 1986.
- OLIVEIRA, C. A. In REIS, R. R. & SALES, T. *Cenas do Brasil Migrante*: Bomtempo, 1999: 283.

RIBEIRO, Branca Telles & Garcez Pedro M. *Sociolinguística Interacional*. Porto Alegre: Age Editora, 1998:31.

SUZUKI, Teiiti. *The Japanese Immigrant in Brazil*. Japan: University of Tokyo Press, 1969.

SUGIMOTO, T. *Pijin towa nanika? Cureôru towa nanika (O que é pidgin? O que é Crioulo?)*, Gengo (língua): Tokyo, 1985. In: KUYAMA, M. *O Uso da Língua Japonesa na Comunidade Nipo-Brasileira: O empréstimo lexical no japonês falado pelos imigrantes – caso Distrito Federal (tese de mestrado)*, 1999:40 - 44.

CUNHA, M. J. *The Brazilian Language policy towards Minorities from colonial times to the present*. In: *Working Paper Series 760*. Center for Language in Social life, Lancaster University, 1996.

A Revista Horizontes de Linguística Aplicada é uma publicação do Programa de Mestrado em Linguística Aplicada do Departamento de Língua e Tradução do Instituto de Letras da Universidade de Brasília, dedicada a divulgar trabalhos e pesquisas nas áreas de ensino/aprendizagem de línguas, lexicografia, bilingüismo e tradução. A Revista aceita colaboração de pesquisadores e professores na forma de artigos ou resenhas de todas as Instituições que estejam interessadas. Os trabalhos serão submetidos ao Conselho Editorial.

NORMAS PARA APRESENTAÇÃO DE ARTIGOS

- A revista aceita colaboração de artigos e resenhas para a divulgação reservando-se o direito de publicá-los ou não;
- Os artigos devem ser enviados em disquete digitados no Word for Windows, espaço 1,5, tendo no máximo 12 laudas, e impresso em duas vias;
- Os artigos devem ser acompanhados de resumo de até 10 linhas e de três palavras-chaves que caracterizam o seu conteúdo;
- Os artigos devem ser acompanhados do nome e vínculo profissional do autor;
- As resenhas devem ser apresentadas em no máximo (06) laudas;
- As citações, referências bibliográficas e informações sobre o artigo e o autor devem obedecer às normas do ABNT;
- As notas e bibliografia devem ser alinhadas no final do artigo;
- Os artigos devem ser enviados a:

Universidade de Brasília
Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução
Campus Darcy Ribeiro
Cep 70910-900
Telefax (061) 2738912